



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAIO MATHEUS PEREIRA DA SILVA

**AS ESCRIVÊNCIAS DE UM LGBTQIA+: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

CAIO MATHEUS PEREIRA DA SILVA

**AS ESCRIVIVÊNCIAS DE UM LGBTQIA+: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Socioculturais em Educação Física

Orientadora: Profa. Esp. Morgana Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Caio Matheus Pereira da.
As experiências de um LGBTQIA+ [manuscrito] : reflexões sobre gênero e sexualidade na Educação Física / Caio Matheus Pereira da Silva. - 2022.
55 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Profa. Esp. Morgana Guedes Bezerra, Coordenação do Curso de Bacharelado em Educação Física - CCBS."

1. Educação Física. 2. LGBTQIA+. 3. Estudos de gênero. 4. Práticas corporais. 5. Escrivência. I. Título

21. ed. CDD 613.7

CAIO MATHEUS PEREIRA DA SILVA

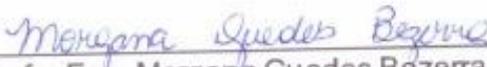
AS ESCREVIVÊNCIAS DE UM LGBTQIA+: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso em
Bacharelado em Educação Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Educação Física

Área de concentração: Estudos
Socioculturais em Educação Física

Aprovada em: 11/05/2022.

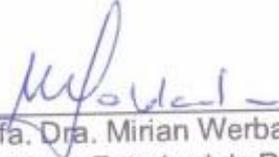
BANCA EXAMINADORA



Profa. Esp. Morgana Guedes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Mirian Werba Saldanha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as trajetórias LGBTQIA+ que chegaram a um fim precoce, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a coragem que tive e os esforços que fiz para chegar até o fim, aos que foram minha rede de apoio para que eu conseguisse ir adiante, por mim e pelos que virão depois. Aos que me fizeram reconhecer a importância da minha existência e persistência na Educação Física.

Agradeço a minha mãe, Hosana, a minha principal apoiadora em todos os meus feitos, sempre acreditando no potencial que existe em mim e se esforçando para que eu me sinta seguro para ir adiante, junto aos meus irmãos, Michel e Paulinho e meu pai.

Feliz, agradeço a Victor, Natália, Bárbara, Roxana, Raissa e Luyse que sempre me acolheram e me fizeram entender que a Educação Física que eu defendo está presente em mim e, assim, eu poderei usá-la como estratégia de transformação.

A minha orientadora e grande amiga Morgana, que em minutos me acolheu e aceitou seguir essa jornada de muitos questionamentos, se fazendo presente em minha vida, desde então.

As minhas professoras que tanto admiro e se fizeram presentes durante toda a minha graduação Giselly, Anny Sionara e Regiménia.

Aos meus alunos e companheiros da Escolinha do DEF que reconheceram o profissional em potencial que existia em mim, desde que iniciei as atividades.

Agradeço a Mikaely e as minhas alunas e alunos do MR Studio Fitness que me fazem entender a força presente em minha existência e o profissional que sou, usando as práticas corporais como recurso para a melhoria na qualidade de vida.

RESUMO

Nesta pesquisa, o objetivo foi refletir e questionar a manutenção da hegemonia heteronormativa e as suas projeções na Educação Física, fazendo com que trajetórias sejam limitadas e invisibilizadas. Para isso, lhes apresento ressignificações para corpo, gênero e sexualidade, sendo suas significações culturalmente construídas fatores que influenciam socialmente, podendo serem utilizados para centralizar sujeitos ou secundarizar. Relato brevemente sobre as primeiras práticas corporais e sua sistematização, evidenciando as influências do gênero e as existências que ao longo da história se fizeram sujeitos ativos na Educação Física. Além disso, relato acerca da manutenção de masculinidades hegemônicas nas instituições de ensino e na Educação Física, desde o início da vida escolar até a fase acadêmica e, posteriormente, no mercado de trabalho. Através de um relato autobiográfico, utilizo das escrevivências, método de escrita desenvolvido por Conceição Evaristo, onde compartilho as marcas que me foram deixadas pela Educação Física, os percalços e o acolhimento que me foram proporcionados, enquanto homem gay afeminado atuante que busca pluralidade, segurança e acolhimento nos ambientes que visam proporcionar saúde e bem-estar com o intuito de utilizá-las como parâmetro de problematização. Deste modo, evidencio que os estudos sobre o corpo e as ressignificações das existências são essenciais para que as práticas corporais sejam pluralizadas. Há necessidade de que os discursos violentos presentes em nosso cotidiano sejam questionados, para que as existências excêntricas, como a minha, sejam acolhidas na sociedade e, principalmente, sintam-se seguras e representadas nos ambientes direcionados as práticas corporais e na Educação Física.

Palavras Chaves: Educação Física. Escrevivência. LGBTQIA+. Estudos de gênero.

ABSTRACT

In this research, the objective was to reflect and question the maintenance of heteronormative hegemony and its projections in Physical Education, making trajectories limited and invisible. For this, I present them with resignifications for body, gender and sexuality, their meanings being culturally constructed factors that influence socially, and can be used to centralize subjects or to secondary. I briefly report on the first bodily practices and their systematization, highlighting the influences of gender and the existences that throughout history have become active subjects in Physical Education. In addition, I report on the maintenance of hegemonic masculinities in educational institutions and in Physical Education, from the beginning of school life to the academic phase and, later, in the job market. Through an autobiographical account, I use the *escrevivência*, a writing method developed by Conceição Evaristo, where I share the marks that were left to me by Physical Education, the mishaps and the reception that were provided to me, as an active effeminate gay man who seeks plurality, security and reception in environments that aim to provide health and well-being in order to use them as a parameter of problematization. In this way, I show that studies on the body and the resignification of existences are essential for the body practices to be pluralized. There is a need for the violent speeches present in our daily lives to be questioned, so that eccentric existences, like mine, are welcomed in society and, above all, feel safe and represented in environments aimed at body practices and in Physical Education.

Keywords: Physical Education. *Escrevivência*. LGBTQIA+. Gender Studies.

LISTA DE SIGLAS

DEF	Departamento de Educação Física
EF	Educação Física
GR	Ginástica Rítmica
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis e transgêneros, queer, intersex, agênero e +.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	METODOLOGIA	12
3	SIGNIFICAÇÕES PARA CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: INFLUÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS	14
3.1	O Corpo Enquanto Construção Cultural.....	14
3.2	O gênero: Fator mutável e inconsistente.....	15
3.3	A Sexualidade: A construção de uma norma e subalternização de existências destoantes.....	17
4	AS INFLUÊNCIAS DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	21
4.1	Os primeiros registros da prática de exercícios físicos sistematizados.....	21
4.2	A sistematização das ginásticas: A aplicação de pedagogias de ensino nas práticas corporais.....	22
4.3	A introdução da Educação Física no Brasil.....	24
5	AS MARCAS DAS VIVÊNCIAS: SER UM LGBTQIA+ NA EDUCAÇÃO FÍSICA 27	
5.1	Práticas corporais para todos os corpos? O papel da Educação Física	27
5.2	A vida escolar: Os reforços dos papéis de gênero.....	29
5.3	Graduação e a centralização das masculinidades heteronormativas	35
5.4	A Introdução no mercado profissional.....	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o corpo e as ressignificações das existências são essenciais para que as práticas corporais sejam pluralizadas. Na saúde, a anatomia e a fisiologia são as responsáveis pelos estudos de estruturas funcionais, priorizando o estudo dos sistemas. Contudo, há a necessidade de compreender a influência de outras dimensões, principalmente no que se refere às relações do corpo com a história, a cultura e a sociedade. Tal compreensão revela como os sujeitos têm sobre seus corpos projeções socioculturais, que os colocam centralizados e/ou secundarizados ao longo da história (LE BRETON; 1953; TORTORA; DERICKSON; 2016).

No decorrer do desenvolvimento das sociedades, os corpos funcionais vão sendo modificados e as suas estruturas adequadas às necessidades do ambiente e tempo no qual estão inseridos. As práticas corporais e/ou atividades físicas sempre foram essenciais à subsistência da humanidade. A partir do crescimento urbano e dos processos de industrialização, a atividade física adquire contornos especiais, institucionalizada e sistematizada (CASTELLANI FILHO; 2010). Sendo a sistematização das práticas considerado o início da Educação Física (EF).

Segundo Langlade e Langlade (2008), até 1800, a prática das danças folclóricas e regionais, as rondas, os jogos populares e esportes, como o atletismo, eram as formas mais comuns de práticas de exercícios físicos. No fim dos anos 1700, na Europa, acontecia a movimentação causada pela escolarização das ginásticas, sendo elas divididas em quatro zonas com suas especificidades, entretanto, todas tinham em comum a aplicação dos ideais pedagógicos do alemão Guts Muths, sendo ele considerado o pai da ginástica escolar que é o início da EF enquanto disciplina e área de estudos específicos.

No Brasil, a EF foi implantada no início dos anos 1900, influenciada pelas escolas de ginástica europeias, imersa em ideais higienistas e nacionalistas. Historicamente, a EF e as práticas corporais tinham o público masculino como sendo o único, as mulheres eram educadas para os cuidados com a casa e a manutenção da família, sendo elas proibidas por lei, entre os anos de 1941 até 1979, de praticarem de esportes, entre os anos de 1941 até 1979 (CASTELLANI FILHO; 2010; LINS; MACHADO; ESCOURA; 2016).

Desse modo, o argumento utilizado para justificar a proibição das práticas esportivas às mulheres, era o fato de que essas atividades eram violentas e não estavam de acordo, a elas eram dispostas atividades reconhecidas como reforços da feminilidade e maternidade, assim, é negado à mulher o direito de desenvolver habilidades, assim, reduzindo significativamente as presenças femininas, sendo o Esporte e a EF culturalmente reconhecidos como reforços de masculinidades (LINS; MACHADO; ESCOURA; 2016). As projeções feitas sobre a mulher, hoje, ainda tão presentes, reverberam em todas as existências que se distanciam das masculinidades. Evidenciando a essencialidade dos estudos de corpo, gênero e sexualidade para que as existências não se limitem a discursos excludentes, a EF seja plural e a saúde que tanto defendemos seja proporcionada a todos os públicos.

Nesse sentido, utilizo de métodos autobiográficos (ABRAHÃO; 2003), me colocando como sujeito central da pesquisa, aliado a escrita das escrituras (EVARISTO, 2020), método desenvolvido com o intuito de proporcionar visibilidade e voz, enquanto mulher negra, mãe, professora e escritora, que tem seus discursos inferiorizados, adapto o método para que enquanto sujeito LGBTQIA+, passível de violências e subalternizado, seja precursor de meus discursos e trajetória, possibilitando que ela seja utilizada como parâmetro para problematização e discussão.

Dessa maneira, escrevo este trabalho com o objetivo de discutir e questionar a manutenção da hegemonia heteronormativa¹ e as suas projeções ainda tão presentes na EF, seja consciente ou inconscientemente, fazendo que trajetórias e existências como a minha, um homem gay afeminado², sejam limitadas e invisibilizadas, indo em direção oposta aos ideais de uma EF que é pedagógica, transformadora e atuante na saúde física e no social.

Desse modo, para discutir a área em questão, recorro aos estudos de corpo, com o intuito de evidenciar a presença das significações culturais e sociais que a ele é dada, aliado aos estudos que tratam acerca da educação física no intuito de

¹ Louro (2018), na sociedade, a heterossexualidade é naturalizada e generalizada, sendo referência para todo o campo e sujeito. Deste modo, supõe-se que os padrões de sexualidade e comportamentos da referência, do sujeito tido como o “normal”, fazendo com que outras expressões de sexualidade sejam vistas como antinaturais, anormais ou excêntricos.

² Silva, Pereira e Pontes (2019), pontuam que ao se expressar enquanto gay (ou bicha) afeminada, há o distanciamento do padrão de masculinidades preestabelecidos que privilegiam determinados grupos, visto que ao se aproximar das feminilidades, perdem o seu caráter hegemônico, assim, reforçando situações de violências e de negação do seu reconhecimento.

evidenciar a presença dos discursos que fortalecem as masculinidades hegemônicas, especialmente no que se refere à relação entre práticas corporais e os papéis de gênero e sexualidade. Por meio de um relato autobiográfico (ABRAHÃO; 2003), utilizo de minhas escrituras (EVARISTO, 2020), como parâmetros para problematizar e exemplificar a existência LGBTQIA+ na EF, desde a vida escolar até a introdução no mercado de trabalho.

Para isso, o texto encontra-se dividido em três partes. Primeiramente serão apresentados estudos sobre o corpo, gênero e a sexualidade com o intuito de ressignificar e entender as influências culturais que sobre eles são projetadas, a fim de evidenciar a relevância desses estudos e esclarecer possíveis motivações das problemáticas existentes sobre o corpo, principalmente, os corpos excêntricos³.

No segundo capítulo, trataremos acerca da Educação Física e do gênero nas práticas corporais. Brevemente falaremos sobre a sistematização, logo seguiremos para a introdução da EF no Brasil, aliado a influências de gênero das práticas esportivas, evidenciando as influências culturais presentes na introdução da Educação Física e da prática esportiva no Brasil, que respinga em todas as fases seguintes, evidenciando a problemática existente na generalização das práticas corporais e esportivas e a influência da cultura sobre o corpo.

Por fim, apresento uma introdução sobre a projeção dos discursos sexistas nas práticas corporais e utilizo de recursos autobiográficos (ABRAHÃO; 2003) para compartilhar vivências da minha trajetória na Educação Física, em ordem cronológica. Em primeiro, problematizo a Educação Física escolar, o primeiro contato com as práticas esportivas e as limitações impostas tendo o gênero como parâmetro. Logo depois, compartilho das minhas vivências enquanto LGBTQIA+ na graduação e as problemáticas presentes nos discursos que, muitas vezes, usam o humor para disseminar preconceitos. Por fim, lhes apresento os percalços presentes na introdução no mercado de trabalho e a falta de diversidade e o acolhimento.

³ Para Louro (2013), o excêntrico é aquele que está fora do centro, o esquivo, o extravagante, podendo ter um centro diferente. Na sexualidade, o excêntrico, é o sujeito que se distancia da sexualidade central, no caso, a heterossexualidade e seus padrões comportamentais.

2 METODOLOGIA

Na construção e fundamentação dessa pesquisa, ao me colocar como centro e objeto do estudo, enquanto homem gay afeminado, utilizei da escrita autobiográfica, deste modo, o pesquisador busca reconhecer que a sociedade é construída por seres humanos que vivem essas realidades de forma particular, integrada e holística (ABRAHÃO, 2003), podendo ser eu, um espelho de realidades e vivências, assim, possibilitando ao sujeito ser único e também representação de um grupo.

Ao compartilhar minha trajetória, aliado ao já citado método autobiográfico, utilizei da escrevivência, método de escrita desenvolvido pela professora Conceição Evaristo (2020), onde ela faz da sua existência, enquanto mulher negra, mãe e pesquisadora, parâmetro de problematizações e questionamentos quanto a todos os preconceitos que sobre ela podem ser projetados, em suas palavras: “Escrever a memória vivida é questão de escrevivência” (EVARISTO, 2020).

Vale salientar que não houve a pretensão em comparar realidades, mas adaptar o método com o intuito de fortalecer a relevância presente no lugar de fala que a escrevivência proporciona, ao tornar grupos subalternizados e passíveis de preconceitos constantes precursores de seus discursos, podendo assim, compartilharem suas trajetórias, onde o cotidiano e as memórias, o passado e o que está acontecendo agora se tornam objetos da escrita (EVARISTO, 2020). Dessa forma, Silva (2021, p. 12) em suas palavras, fortalece a relevância do método ao discorrer sobre a visibilidade que a escrevivência de Evaristo proporciona a população negra: “Os escritos de Evaristo representam uma visibilidade e protagonismo que urge crescer em meio a uma sociedade fabricada para a nossa derrota”, aqui, utilizei e adaptei o método, com o intuito de trazer visibilidade a população LGBTQIA+ também alvo de violências.

Aliado aos métodos acima citados, utilizei de métodos qualitativos, para assim, ter a possibilidade de construir um enredo composto por visões subjetivas e depoimentos de interlocutores, em que as falas acrescentam, compõem ou se contrapõem ao que é observado (MINAYO, 2012). Deste modo, buscou-se conversar com os autores, para assim, fortalecer, problematizar e evidenciar perspectivas que validam o que é dito, podendo também proporcionar ao leitor a possibilidade de questionar discursos e sujeitos que são culturalmente construídos (LE BRETON, 1953). Podendo ser esses discursos, utilizados para fortalecer ou invalidar

existências, mesmo que, à nossa sociedade, seja dada as significações de mutável e inconstante (LOURO, 2018). Dessa forma, Minayo (2012, p. 3), explicita que ao buscar compreender o método de análise:

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento.

A pesquisa se iniciou após desconfortos que se faziam presentes em minha trajetória da vida escolar, serem reproduzidos no ambiente acadêmico. Quando busquei a graduação em Educação Física, eu buscava também uma ressignificação, contudo, dentro das instituições os discursos que fortalecem os padrões hegemônicos e centralizam as masculinidades se fazem muito presentes, conseqüentemente, esses discursos que são defendidos refletem nos profissionais que estão sendo formados por essas instituições.

Na construção do texto, eu recolhi as marcas que me foram deixadas, as mais evidentes, as falas que ressoavam e que não foram passíveis dos esquecimentos, os momentos em que questiono o meu pertencimento nos espaços, a minha existência, o meu comportamento e as minhas escolhas, os momentos que me causaram questionamentos e inquietações. Através da minha trajetória e pesquisa, escrever as vivências, apresentar a realidade e defender a permanência e o acolhimento de LGBTQIA+, como eu, em todos os espaços.

3 SIGNIFICAÇÕES PARA CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: INFLUÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS

Para muitos, o corpo se resume aos fatores biologicamente determinados, o gênero diretamente relacionado as genitálias e a sexualidade pautada em modelos reprodutivos. Contudo, as influências culturais fazem com que cada sociedade tenha possibilidade de ressignificar, sendo o tempo e os sujeitos que nela vivem responsáveis por essas alterações. Neste capítulo, busco lhes apresentar as influências culturais na construção desses discursos, aliado a ressignificação do corpo, gênero e da sexualidade.

3.1 O Corpo Enquanto Construção Cultural

Tortora e Derrickson (2016), ao estudar o corpo, tem a anatomia e a fisiologia enquanto essenciais nos estudos onde suas funções são priorizadas, sendo a fisiologia responsável pelos estudos das funções e a anatomia é a ciência das estruturas e as suas relações, ou seja, o fundamento para a compreensão do corpo enquanto estrutura funcional ao ser humano em suas atividades a serem desenvolvidas.

De modo que, esses conceitos fundamentados exclusivamente em modelos anatomofisiológicos, onde o corpo se resume a carne, ossos, órgãos e funções fisiológicas são utilizados como base para fundamentar e fortalecer discursos biologizantes, binaristas⁴ e normativos, fazendo com que outras categorias tenham seus conceitos limitados, como o gênero, por exemplo, correspondendo exclusivamente ao órgão sexual designado em nascença e a sexualidade dos indivíduos sendo um fator questionável quando se difere da qual acredita-se ser única e natural a humanidade, a heterossexualidade. Em nossa sociedade, por exemplo, a norma é o homem branco, heterossexual (LOURO, 2018).

Contudo, Le Breton (1953) em seu livro “A Sociologia do Corpo”, defende a ideia de que o corpo é moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, sendo ele um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo se

⁴ Silva, Pereira e Pontes (2019), explica que o binarismo sexual é a representação dualista da constituição do corpo, sendo masculino ou feminino, desempenhando também esse dualismo em seus papéis sociais.

constrói. Tendo a ideia de reconstruir essas imagens e ideais, Le Breton (1953, p. 29) nos apresenta perspectivas e sociedades onde o corpo está para além da carne, do palpável e das biológicas, nos dando espaço para novas interpretações, sendo, portanto:

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe: a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados... Conforme os espaços culturais, o homem pode ser criatura de carne e osso comandado por leis anatomofisiológicas; ou rede entrelaçada de formas vegetais como na cultura canaque; ou rede de energia como na medicina chinesa, que une o homem ao universo que o cerca como se fosse um microcosmo; ou animal que carrega em si todos os perigos da selva; ou parcela do cosmo em estreita ligação com os eflúvios do meio ambiente; ou domínio predileto para a estada dos espíritos(...).

O uso dessas estruturas funcionais, as quais chamamos de corpo, são mutáveis, as sociedades e as realidades nas quais elas estão inseridas fazem com que haja a necessidade de adaptações, ou seja, o corpo enquanto estrutura funcional é ressignificado, como Le Breton (1953), pontua ao dizer que do corpo nascem e se propagam significações que fundamentam a existência individual e coletiva, sendo ele o eixo da relação com o mundo, o tempo e o lugar nos quais a existência toma forma através de sua fisionomia singular e é assumindo as suas singularidades que se torna um símbolo para a sociedade na qual se insere, nos fazendo entender que o corpo enquanto estrutura funcional está inserido no corpo que é representação social, não sendo ele uma figura inquestionável, mas a ele são dadas significações baseadas em sua cultura (LOPES, 2003). Deste modo, muitas sociedades buscam padronizar modelos com o intuito de que essas existências tidas como normais lhes assegurem de alguma forma, como Weeks (2018, p. 65), explicita:

Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros - pelo bem da uniformidade moral; da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde-, ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com vida sexual dos indivíduos.

3.2 O gênero: Fator mutável e inconsistente

Beauvoir (1967), em seus estudos sobre o gênero, mais especificamente sobre o feminino ser culturalmente subalternizado nas sociedades, fortalece o pensamento de Le Breton (1953), sobre o corpo ser culturalmente construído, dizendo

que nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, sendo a forma influenciada pelo conjunto do todo. Assumindo o argumento que nos faz ter certeza de que as existências, não só da fêmea, são influenciadas pela sociedade na qual ela está inserida, onde os grupos sociais que ocupam posições centrais (cis, heteros e brancos, por exemplo) representam não só a si mesmos, mas toda a sociedade (LOURO, 2018), não sendo um padrão inquestionável, afinal, para cada sociedade há uma cultura e as culturas se diferem entre si.

Um das frases mais famosas de Beauvoir (1967), “Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher.” e continua, “...Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo” (BEAUVOIR, 1967, p.9), nos apresenta uma perspectiva existencial onde ser menino ou menina não deveria ser um parâmetro de problematização, afinal, as descobertas iniciais tendem a acontecer sem que o sexo ou gênero que, nesse caso, são pautados no órgão sexual, sejam parâmetros de distinções.

Castellani Filho (2010), ao citar Odete Lorenzo (1953), explica que o fato de serem ofertados brinquedos e jogos diferentes para meninos e meninas, quando operando continuamente, não só no lazer, através das idades, pouco a pouco, determina-se capacidades diferentes entre homens e mulheres. Todas essas distinções apresentadas nos levam aos fundamentos de gênero, afinal, o que é gênero? Scott (1995, p.72) ressalta que:

Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados.

Meyer (2003), argumenta que o gênero é uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em evidência algumas das formas de organização social, hierarquias e desigualdades que delas resultam. Auad (2006) pontua que sexo e gênero não são a mesma coisa e gênero não é sinônimo de masculino e feminino, estando o gênero para além dessas características, contudo Auad diz que “Tal relação de pertencimento

a um gênero prevê a negação e o distanciamento ao sexo que não é o seu” (AUAD; 2006, p. 22), fortalecendo as desigualdades, embora que comportamentos já reconhecidos socialmente como masculinos e femininos sejam comuns a todos os gêneros. Como afirmou Le Breton (1953, p. 68), ao dizer que “As qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”.

Deste modo, o gênero seria um reconhecimento social e político, para além do sexo que você foi designado em seu nascimento, podendo ser mutável (ou não) e aplicando o que diz Beauvoir (1967), se o sujeito se torna mulher, também pode tornar-se homem ou transitar entre os gêneros. Ao assumir uma nova identidade de gênero ou sexual, é considerada uma alteração em sua essência (LOURO, 2018), resultando, na maioria das vezes, em julgamentos perante a sociedade na qual está inserido. Butler (2003, p.13), pontua que:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.

As significações e ressignificações as quais os nossos corpos assumem em nossa vida, tem uma ligação direta com as definições de gênero e sexualidade, mas não se resumem a elas. Quando os corpos assumem novas identidades sexuais, por exemplo, a eles são dados novos significados. Weeks (2018; p. 46), diz: “Embora, o corpo físico seja um local da sexualidade(...), a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”, sendo a sexualidade também um marcador das relações de poder, onde o centro é a “norma” (LOURO, 2018), mas não sendo a norma uma verdade absoluta.

3.3 A Sexualidade: A construção de uma norma e subalternização de existências destoantes

Na dimensão da sexualidade humana, a heterossexualidade é reconhecida como a “norma”, Louro (2018) pontua que a sociedade pressupõe que todos tenhamos uma inclinação inata de desejos, afetos e jogos sexuais por alguém do sexo oposto

ao nosso, contudo, Louro (2003, p.44) diz: “Novas” identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa múltipla, desarmoniosa e descontínua”, esclarecendo que dentre as culturas, nenhuma identidade de gênero e sexual é inquestionável, mas as identidades tidas como inatas que se diferem do padrão são alvos de muita vigilância (LOURO, 2018). Deste modo, as existências LGBTQIA+⁵ seriam os maiores alvos dessas vigilâncias.

Weeks (2018), afirma que antes do século XIX, o homossexual não existia, mas a homossexualidade existiu em todos os tipos de sociedades, em todos os tempos e sob diversas formas, aceita ou não, mas foi a partir do século XIX que ela ganha uma identidade, se tornando uma categoria distinta. Quando as novas identidades sexuais começam a ser categorizadas, há a necessidade de criação de políticas específicas para essas minorias, sendo as novas identidades consideradas rupturas cruciais nos significados dados as diferenciações sexuais.

Ao parafrasear Randolph Trumbach (1989), Weeks (2018) explica que em meados do século XII existiam padrões de interação homossexual presentes no Ocidente, mas por volta dos anos 1100, começa a aparecer um novo padrão cultural ocidental, sendo o casamento tardio e monogâmico, características desse padrão. Deste modo, relações fora do casamento eram proibidas, mas permitidas aos homens sob a forma de prostituição regulada. Contudo, toda e qualquer atividade sexual não procriativa era tida como pecaminosa, homem e mulher, homem e homem ou homens e animais, mas havia um adendo, as relações entre mulheres não eram tão postas em julgamento quanto as outras.

Como citado anteriormente, existiam padrões de homossexualidade que estavam presentes nas sociedades, Weeks (2018) explica que, as relações entre um adulto ativo e um adolescente passivo eram reconhecidas como normais, de modo que esse adolescente quando tornava-se adulto, ao assumir um papel ativo perante as relações, ele estava livre dos julgamentos, podendo a prática da homossexualidade ser tida como um reforço da sua virilidade. E continua, aqueles que mantinham o papel

⁵ Segundo, Bortoletto (2019), a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornou oficial após aprovação pela I CONFERÊNCIA GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), mesmo que seja essa uma decisão recente, há a necessidade de representar novas homossexualidades, adicionando letras como o “i” de intersex, “q” de queer e “a” de agênero e assexuados, incluindo também o “+”, como um indicativo de possibilidades de novas homossexualidades e expressões de sexualidade e gênero, sendo ela, uma sigla aberta e sujeita a mudanças.

de passivo enquanto adultos eram estigmatizados e maltratados com frequência. Chaves (2010, p. 40), ao falar sobre distinções sexuais na Grécia antiga, explicita que

(...) não havia distinção do homo/hetero. Os homens adultos passavam a sua sexual privada com mulheres e a pública com rapazes. Essa última servindo de base para prestígio social. O importante era que o papéis sexuais fossem claramente definidos, cabendo ao adulto o papel de ativo e o passivo, rapazes jovens e escravos.

Assim, a sociedade constrói e reforça esse estereótipo de que o homem, precisa manter esse papel ativo e, assim, não será passível ao questionamento. Esse padrão comportamental que se originou no antigo modelo grego, mas esteve muito presente até o século XX em alguns países mediterrâneos e subculturas ocidentais (WEEKS, 2018).

Todavia, apesar de existirem tais padrões, em meados do século XVIII, ele é superado por um modelo que é culturalmente fortalecido, onde todo e qualquer comportamento homossexual, seja ativo ou passivo, é relacionado com ser feminino, ou seja, se distancia da masculinidade tida como normal ou aceita. Os homens que rompessem com as expectativas sociais dos padrões a serem seguidos, eram reconhecidos como não homens (WEEKS, 2018). Quanto as mulheres, por não serem consideradas autonomamente sexuais e existindo sobre seus corpos projeções de subordinação sexuais e principalmente sociais, esses julgamentos não eram significativos (WEEKS, 2018). Quando reconhecidos como não homens, sobre esses corpos são projetados julgamentos similares aos feitos sobre um corpo feminino com o intuito de lhes dar os mesmos significados de subalternização social quanto ao dito masculino, independente de onde esses corpos sejam atuantes.

Evidenciando aqui a existência de um padrão comportamental e social culturalmente construído a ser seguido sem questionamentos, onde as anatomias e fisiologias são tidos como base de argumentação, aqueles que se diferem da norma, estão sujeitos a violências e julgamentos embasados em discursos culturalmente construídos e defendidos como sendo uma verdade inabalável (LOURO, 2018), uma vez que esses discursos são apenas projeções sociais feitas sobre corpos distintos. Discursos esses que fazem com que áreas como a Educação Física, dada a sua construção culturalmente masculina, sejam possíveis recursos limitantes e excludentes.

Dessa maneira, apresentaremos no próximo capítulo, as influências de tais discursos em áreas como a Educação Física, que dada a sua construção culturalmente masculina, acabam por estabelecer limites para os corpos que se distanciam da norma.

4 AS INFLUÊNCIAS DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

As práticas corporais e/ou atividades físicas sempre foram essenciais à subsistência da humanidade. Atividades como caça, pesca, longas caminhadas, o nado e escaladas estão presentes nas sociedades por suas características funcionais e essenciais. A busca por insumos para a alimentação, a necessidade de mudanças territoriais, as construções manuais são algumas das atividades que fizeram com que desde as primeiras culturas, ao corpo fossem dadas incontáveis significações, sendo ele, desde uma ferramenta de trabalho a um templo. A partir do crescimento urbano e dos processos de industrialização, a atividade física adquire contornos especiais, institucionalizada e sistematizada (CASTELLANI FILHO; 2010).

4.1 Os primeiros registros da prática de exercícios físicos sistematizados

Segundo Silva (2015), na Grécia Antiga, os Espartanos e Atenienses foram os primeiros a desenvolverem uma prática de exercícios físicos sistematizados e com finalidades para o desenvolvimento do corpo, contudo, existiam diferenças significativas nos métodos que aplicavam em seus praticantes. A Esparta era similar a uma ditadura, as crianças eram retiradas de suas famílias aos 7 anos de idade, onde iriam aprender táticas de treinamento básica, aos 14, elas começavam a ser introduzidas nas lutas. Para assim, entre os 20 e 30 anos, servirem efetivamente ao exército do império. Depois dos 30, os homens se casavam com mulheres que também tinham recebido algum treinamento com o intuito de gerar crianças fortes para servirem ao império.

Entretanto, a Ateniese trazia consigo a política de trabalho de corpo e mente, inclusive tendo ginásios para a prática das atividades corporais no centro das cidades, sendo esse trabalho das práticas corporais aliado à leitura e escrita, um parâmetro para a Educação Física atual (SILVA, 2015). As famosas estátuas gregas, por exemplo, são um exemplo do culto ao corpo, um hino ao esporte, saúde e lazer, uma demonstração das consequências benéficas das práticas intensas de esportes e como elas refletiam no corpo e na mente (LANGLADE; LANGLADE; 2008).

Na Roma Antiga, a atividade física trazia em si influências desportivas e higienistas, como a Esparta. As lutas de gladiadores eram espetáculos muito populares no império romano, com o intuito de entreter, os gladiadores tinham de lutar

até a morte, sendo essa, uma época sombria para as práticas corporais (SILVA, 2015). Com a deterioração do Império Romano e o cristianismo se tornando a religião oficial, a salvação da alma e a vida celestial se tornaram a prioridade, a consequência é o desprezo do culto ao corpo, sendo as atividades físicas destinadas aos treinamentos militares comandados pela igreja católica para a Guerra Santa e as Cruzadas. Atividades como caça, pesca, arco e flecha eram utilizadas nos treinamentos militares e para a subsistência. As práticas tidas como esportivas e para o entretenimento quando condenadas pela igreja, logo caíram em decadência (CAPINUSSÚ; 2005; SILVA; 2015). Como afirmou Rodriguez (1942) ao ser citado por Langlade e Langlade (2008, p. 2):

A dança não era prestigiada em nenhuma forma. O jogo com bolas ou paus era classificado entre os jogos 'insolentes' e entre outras proibições citavam-se aos 'jogos profanos', às 'imodestas corridas' e às 'horríveis gritarias'.

Na Idade Moderna, a Educação Física já engatinhava para o que ela é atualmente, segundo Silva (2015), Rousseau, em 1712, reconheceu a prática Educação Física como necessária para o desenvolvimento cognitivo. Johan Simon, o primeiro professor de ginástica moderna, defendia a Educação Física como prática necessária, junto à leitura e escrita. Guts Muths, acreditava que a Educação Física era muito relevante no desenvolvimento de habilidades sociais, sendo ele responsável no desenvolvimento de muitos aparelhos de ginástica. Também na Idade Moderna, Pestalozzi, aplicando suas pedagogias experimentais, foi essencial na Sistematização das Ginásticas (SILVA, 2015).

4.2 A sistematização das ginásticas: A aplicação de pedagogias de ensino nas práticas corporais

Segundo Langlade e Langlade (2008), até 1800, a prática das danças folclóricas e regionais, as rondas, os jogos populares e os esportes, como o atletismo, eram as formas mais comuns de prática de exercício físico. O movimento de sistematização das ginásticas pode ser dividido em quatro momentos, sendo eles marcados pelas escolas Inglesa, Alemã, Sueca e Francesa. A Escola Inglesa, para Langlade e Langlade (2008), após estudos posteriores, por não ter em suas práticas o ensino da ginástica efetivamente, pode ser desconsiderada, tem papel significativo

na universalização dos conceitos, sendo essencial para o surgimento posterior das outras escolas.

A Escola Alemã, se difundiu no mundo a partir da obra de Guts Muths (1759-1839) e outros humanistas, trabalhando continuamente o corpo e mente, para que um corpo forte fosse a estrutura perfeita para uma mente fértil, sendo aqui o início da ginástica pedagógica e Guts Muths considerado o pai da ginástica escolar alemã. No mesmo período, também na Alemanha, Friedrich-Ludwig Jahn (1778-1852), desenvolveu um método mais nacionalista, método que hoje é difundido como a ginástica internacional ou olímpica, se destacando sobre a ginástica pedagógica de Guts Muths, sendo ela a ginástica de Jahn, a principal na Alemanha por quase 100 anos, até a primeira guerra mundial. Em contrapartida, as maiores mudanças pedagógicas e aplicadas em todas as escolas vieram do modelo de Guts Muths (LANGLADE; LANGLADE; 2008).

A Escola Sueca, também se baseava e aplicava os ideais de Guts Muths, entretanto, os métodos aplicados nas práticas de ginástica difundidos por Pedro Enrique Ling (1776-1839), traziam em seus movimentos novidades. Aparelhos como corda, arcos, movimento de extensão e rolamentos eram aplicados com o intuito de tornar o corpo mais forte e resistente a fadiga. Sendo o uso de aparelhos aliado à funcionalidade corretiva dos exercícios sobre o corpo e a aplicação das pedagogias com o intuito de educar e fortalecer o corpo e a mente, as características principais dos métodos fundamentados na ginástica sueca, sendo ela, utilizada em crianças, pois os jogos ginásticos despertavam alegria e, assim, as crianças aprendiam técnicas que as preparavam para lidar com situações diversas, para além das práticas (LANGLADE; LANGLADE; 2008).

As ideias difundidas por Guts Muths também se fizeram presentes na Escola Francesa, o precursor Francisco Amorós y Ondeano (1770-1848), diretor do Ginásio Normal Militar, aplicava em seus alunos, inclusive crianças, uma junção dos métodos do Muths e Jahn, aliado a algumas metodologias do Pestalozzi. Os grandes problemas da Escola Francesa estavam no corpo docente responsável por aplicar essas ginásticas, por ter em si uma finalidade militar, os instrutores eram maioria suboficiais do exército que não tinham conhecimentos sobre práticas pedagógicas e científicas (LANGLADE; LANGLADE; 2008).

A significativa presença de oficiais do Exército no corpo docente, aliado a falta de instruções para que ocupassem esses espaços, mesmo que fossem aplicadas

pedagogias de ensino, resistiam os esforços quanto a hegemonia e o seu viés higienista, sendo a prática pedagógica de exercícios reconhecida como uma prática militarista, tendo o seu corpo docente e discente exclusivamente formado por homens. Assim, quando as técnicas são difundidas e progredem, as suas influências militares continuam muito presentes.

No tópico seguinte veremos que no Brasil, por exemplo, quando introduzida as ginásticas, o seu corpo docente era formado por médicos e militares e, por lei, mulheres tiveram as práticas de exercícios e esportes proibidas em alguns períodos, reforçando o viés higienista e a generificação das práticas de exercícios e esportivas.

4.3 A introdução da Educação Física no Brasil

No Brasil, segundo Castellani Filho (2010), a Educação Física é introduzida por médicos e militaristas no fim do século XIX e início do século XX, por vezes confundida com a história da Escola Real Militar, onde eram aplicadas técnicas fundamentadas na ginástica alemã em meados de 1860. A Educação Física tem seus primeiros registros oficiais, em 1907, quando o alemão Pedro Guilhermino Meyer é nomeado para contramestre da ginástica da Escola Militar, considerada um berço para a Educação Física.

Em 10 de Janeiro de 1922 é criado, oficialmente, o Centro Militar de Educação Física, onde foram formados os primeiros professores civis, trazendo consigo características higienistas e militaristas, baseadas nos modelos europeus, onde os esportes e as práticas corporais tinham públicos específicos e suas funcionalidades defendidas como necessidades imperiosas de pessoas civilizadas, consolidando os ideais de que as práticas tinham públicos específicos, servindo de armas ideológicas, de modo que, a Educação Física era utilizada como um recurso de fortalecimento dos parâmetros morais e cívicos, além de auxiliar no “adestramento” social (CASTELLANI FILHO; 2010; COSTA; PERELLI; MATARUNA-DOS-SANTOS; 2016), evidenciando e auxiliando na manutenção de estereótipos comportamentais do que é ser homem e mulher, além de explicitar quais eram os seus papéis perante a sociedade.

Com o intuito de auxiliar nos processos desenvolvimento e enriquecimento do Brasil, que engatinhava após deixar de ser colônia, existia a necessidade de que os homens fossem fortes e saudáveis, pois eles eram a ferramenta principal e essencial para que o funcionamento das atividades industriais e o desenvolvimento econômico

do país viessem a ser realidade (CASTELLANI FILHO, 2010), pessoas que trabalhavam nas indústrias eram sujeitos a rotinas exaustivas em condições insalubres, alguns deles, similares ao que as pessoas escravizadas vivenciavam.

As mulheres tinham em suas existências as projeções dos discursos biologizantes que se concentravam na ideia de que os seus corpos tinham funções secundárias as dos homens (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016), elas deveriam priorizar a procriação e todos os serviços de casa, como cozinhar, lavar as roupas e cuidar dos filhos (CASTELLANI FILHO, 2010).

Castellani Filho (2010) relata que a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas exclusivamente por influências biológicas, serviu como argumento aos ideais dominantes da suposta superioridade do sexo masculino, sendo afastada qualquer alusão de que essa superioridade fosse pautada em determinantes socioculturais e não biofisiológicos. Sendo utilizadas, inclusive, como base para o Decreto - lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que tira o direito de mulheres participarem de manifestações esportivas:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Segundo Lins, Machado e Escoura (2016), antes da lei, em meados de 1920 existiam registros de equipes femininas de futebol, após a lei, as mulheres tiveram as suas participações proibidas em diversos esportes por serem considerados violentos demais, entre os anos de 1941 até 1979. Na Deliberação – CND – nº 7/65, citada por Castellani Filho (2010, p. 48; 49), são apresentados quais os esportes que a elas foram negadas as participações:

N.º 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N.º 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

A proibição a prática e limitação das participações femininas no esporte, fez com que sobre seus corpos e ao longo dos anos fossem projetados discursos excludentes, discursos esses que veem as práticas esportivas e ambientes para a

prática de exercícios como reforços de masculinidades. Fazendo com que toda a existência que se distancia dessa hegemonia que ali é fortalecida, seja limitada, não sendo a mulher o único público que é afetado com a reprodução desses discursos, mas toda as figuras femininas e destoantes. Atualmente, os maiores alvos das limitações nos esportes, é o público transgênero e travesti, seus corpos são limitados, suas participações questionadas, mesmo quando o sistema permite as suas participações, suas presenças não são acolhidas, fazendo com que vivenciam a exclusão.

No próximo capítulo, por meio de escrevivências, enquanto excêntrico, lhes apresento as influências do gênero e dos discursos em minha trajetória na Educação Física.

5 AS MARCAS DAS VIVÊNCIAS: SER UM LGBTQIA+ NA EDUCAÇÃO FÍSICA

As marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam ter nos apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professores e professoras (LOURO, 2018; p. 22).

5.1 Práticas corporais para todos os corpos? O papel da Educação Física

Em meados de 1980, segundo Maldonado e Limongelli (2014), começaram as novas propostas de ensino para a Educação Física Escolar, mas só nos anos 90, ela começa a ser discutida nos cursos de Licenciatura em Educação Física e reestruturada em seus campos de intervenção, trazendo consigo o esclarecimento da necessidade de mudanças, principalmente, em como a Educação Física deve ser apresentada em seu período inicial, onde o esporte é uma parcela muito pequena do todo, mas sendo ele utilizado como uma estratégia no ensino de habilidades, não um reforço de estereótipos.

Maldonado e Limongelli (2014) ao citar Grespan (2002) explicitam que é cada vez mais necessário um corpo docente que esteja comprometido com os processos de ensino e aprendizagem da Educação Física, principalmente no período escolar.

Esses discursos que nos são ensinados como parte importante da história, são reproduções de comportamentos que se mantém presos ao que foi a Educação Física em seu passado e é dito como uma estratégia para a normalização de questões excludentes (MALDONADO; LIMONGELI; 2014; NEIRA; 2006), sendo o autoritarismo e o ensino tecnicista voltado a prática esportiva e rendimento muito presentes no Ensino da Educação Física, uma justificativa para não participação ativa de muitos alunos (MALDONADO; LIMONGELI; 2014; OLIVEIRA (1992).

No que se refere as questões relativas a gênero e sexualidade, a postura, a beleza, a graciosidade e disciplina, os movimentos que demonstram leveza, mesmo quando exigem muita força para os executar, a necessidade de se manter dentro de um padrão comportamental reconhecido como “feminino” (LINS; MACHADO; ESCOURA; 2016) fazem com que, culturalmente, as meninas sejam desde cedo, fantasiadas como futuras bailarinas. No mesmo sentido, o futsal e o futebol, são reconhecidos culturalmente como atividades “para meninos”, por serem esportes de

contato e impacto, que exigem força, desenvoltura, dominância, visto que, de acordo com Altmann (1998; p. 25):

O esporte é um meio de os meninos exercerem domínio de espaço na escola. Percebe-se ainda que as meninas resistiam à dominação masculina por meio de outras atividades que não as esportivas, como jogos musicados e pular corda. Assim, elas conquistavam espaço na quadra ou no pátio recorrendo a outras atividades e não jogando futebol, o que se explica pelo fato de o esporte – e mais especificamente o futebol – ser um espaço masculino na escola.

Além dos preconceitos relacionados diretamente a prática esportiva, muitas mulheres têm de lidar com preconceitos ainda mais significativos quanto às suas vidas para além do esporte, sua sexualidade e seus trejeitos são alvos de comparações, uma vez que a masculinidade traz consigo um parâmetro cultural de centralidade (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016).

Nesse aspecto, meninas que são jogadoras, lutadoras ou inseridas qualquer que sejam as práticas esportivas tidas como masculinas sofrem preconceito ou são excluídas, além disso, muitas vezes são chamadas de “Maria Homem” (ALTMANN, 1998), tendo em vista que o masculino constitui uma condição primeira que secundariza o feminino (FRAGA, 2013), atribuindo também o espaço da prática esportiva ao homem.

Nesse sentido, Castellani Filho (2010), ao enfatizar os dizeres de Lorenzo (1953), explica que o fato de serem ofertados brinquedos e jogos diferentes para meninos e meninas, quando operando continuamente, não só no lazer, através das idades, pouco a pouco, determina-se capacidades diferentes entre homens e mulheres, de modo que, a educação deve se adaptar diferenças que são apresentadas, embora professor tenha de lembrar-se que tais diferenças, em sua grande maioria, advém de influências culturais. Altmann (1998, p. 63), afirma que:

A generificação de habilidades esportivas constrói-se também na escola, entre diversas maneiras, jogando futebol durante os recreios, participando das equipes escolares.

Assim que começam as práticas corporais, as crianças são direcionadas às opções que carregam estereótipos sexistas, Auad (2006), ao estudar as relações de gênero na escola e como essas expressões eram projetadas sobre as crianças nas práticas corporais que elas desempenham no contexto escolar, definiu algumas atividades reconhecidas como “Atividades exclusivas para meninas”, seriam elas:

Lanchar e conversar pelo pátio e pular elástico. Depois, “atividades exclusivas para meninos”, seriam elas: Futebol e Lutas, por fim, “Atividades mistas”, onde todos se juntavam para jogar queimada, pular corda ou dançar ritmos como funk ou axé. Mesmo quando não explícito, a cultura nos ensina que esse é o espelho da realidade e poucas são as experiências escolares que conseguem se desfazer desses padrões. Altmann (1998, p. 76-77) ao citar Badinter (1993) reforça o pensamento que:

(...) esportes que envolvem competição, agressão e violência são considerados uma iniciação à virilidade, pois ali o pré-adolescente mostra o desprezo pela dor, o controle do corpo. “Em suma, mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um ‘homem de verdade’.

A falta de estímulos, quando tendo o gênero como um determinante prévio para o desenvolvimento de atividades, pode ser uma barreira no desenvolvimento de habilidades e, principalmente, uma frustração para quem deseja vivenciar determinadas experiências, e devido às projeções impostas sobre um corpo e/ou gênero, tem seus desejos limitados ou invalidados (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). A dualidade presente nas práticas corporais é consequência dos discursos sexistas presentes na sociedade e impacta a vida de todos os sujeitos uma vez que as limitações impostas culturalmente fazem com que sejam projetados sobre existências preconceitos. Sobre isso, Altmann (1998, p. 62) afirma que:

A diferença de habilidade provém das diferentes experiências esportivas que meninos e meninas têm ao longo de suas vidas, pois eles, desde quando se entendem como homem, estão com bola no pé e elas não.

Evidenciando que o desenvolvimento provém das diferentes experiências esportivas que meninos e meninas têm ao longo de suas vidas, quando os garotos se distanciam do futebol, lhes é ofertado outra modalidade que compartilhe das mesmas características com o intuito de que tenham a sua masculinidade e virilidade reforçada. De modo que, quando não se identificam com as modalidades que compartilham dessas características reconhecidas como masculinas. Logo é questionada a sua sexualidade, como se as práticas corporais carregassem consigo um certificado de gênero e sexualidade.

5.2 A vida escolar: Os reforços dos papéis de gênero

A vida escolar é marcante e faz com que muitas das experiências que vivenciamos enquanto adultos estejam diretamente relacionadas a esse período. Desde o início da minha escolarização tive de lidar com rejeições e preconceitos que só percebi e tive consciência depois de entender como essas formas de violência se difundem de forma sutil, Louro (2018) ao citar Corrigan (1991) diz que nas escolas os nossos corpos são disciplinados, ensinados, avaliados, medidos, aprovados ou não. Ser um menino afeminado traz consigo os olhares, as negações, a dificuldade de permanecer em grupos ou a dificuldade de se reconhecer parte de um grupo por fugir da norma heterossexual (LOURO, 2018).

Lembro-me de não me identificar com os esportes tidos como “para meninos” e não poder participar das atividades “para meninas”, que muitas vezes nem eram esportes. Para um excêntrico (LOURO, 2013), é dada a oportunidade de assistir ou ajudar nas atividades de forma secundarizada direcionadas ao meu gênero na organização, por exemplo. Vale salientar que, muitas vezes, somos impedidos de vivenciar as práticas corporais que nos identificamos, pois temos que desempenhar as atividades de acordo com o nosso gênero (SANTANA, 2017).

As distinções presentes nas atividades fizeram com que por muito tempo eu tivesse aversão às práticas corporais binaristas e, incansavelmente, eu esperava pelos jogos e brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde, nesses casos, a participação mista abria espaço para que eu tivesse a oportunidade de vivenciar experiências de forma mais afetiva, além dos festivais e eventos, como as apresentações de São João ou as feiras de ciências.

Dessa maneira, a falta de estímulos me fizeram ser uma criança vista como muito educada, adulta, doce e tantas características que culturalmente são projetadas sobre as meninas (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016) e ao compartilhar da mesma falta de estímulos, compartilho as características culturalmente impostas ao gênero feminino (AUAD, 2006). Corroboro com as palavras de Santana (2017, pg. 34), ao relatar sobre suas experiências quanto as limitações e deixo explícito que, quando crianças, maior que as distinções, há o desejo em viver a fase e ter o máximo de experiências possíveis, pois assim como o autor

Eu não sabia o que era gênero, eu não sabia o que era ser homem ou mulher, não me importava saber quem eu era, eu só queria enquanto criança, experimentar a vida, brincar, fazer amigos e ser feliz.

Nos anos finais do ensino fundamental, precisei mudar de escola e fui estudar numa escola pública, bem maior que as outras que já tinha estudado, alocada a uma igreja e foi lá onde tive as experiências mais efetivas com a Educação Física Escolar e o esporte. Nesse contexto, aos meninos, eram ofertados os esportes que exigiam força, como o futebol e futsal e as meninas jogavam baleada ou desempenhavam atividades tidas como mais leves (SANTANA, 2017). Aos meninos que não queriam participar do futebol era lhes dado a possibilidade de se incluir na baleada, conhecida também como queimada, junto às meninas, ainda que a situação fosse de segregação, fiquei feliz em poder participar, pois me senti parte de algo.

Em contrapartida, muitas foram as vezes, em tais atividades, que juntos aos outros que participavam efetivamente do time, ou seja, todos aqueles que participavam da baleada, nos foram proferidas palavras de ódio, como: veado, menina ou outros termos que quando sem um contexto, sequer são reconhecidos como insultos, mas quando aplicados na realidade, são apenas possibilidades de nos diminuir (SANTANA, 2017 apud BUTLER, 2021) e fazer com que tenhamos vergonha de nos distanciar do que eles entendem como sendo a única possibilidade, a “norma” ou o desejo inquestionável (LOURO, 2018). Hoje, entendo que a maior parte dessas projeções nos são ensinadas quando sequer sabemos o que elas significam ou como essas palavras me foram ditas e aos outros garotos com quem convivia e sofriam as mesmas agressões que eu, podem acarretar em consequências e marcas no presente e futuro (LOURO, 2018) que não se resumem unicamente às práticas esportivas.

A família, os professores, os colegas de classe, os amigos e os desconhecidos e até os que compartilhavam da mesma experiência que eu, mas não tinham a coragem de caminhar mesmo que em passos curtos na direção do que desejavam, não perdiam a oportunidade de tentar me redirecionar para o que acreditam que seja o “ideal” para o meu gênero, mesmo quando sequer temos noções de gênero, afinal, até aqui falo de quem fui quando tinha, no máximo, dez anos de idade. Fortalece Le Breton (1965, p. 65) ao refletir acerca dos estímulos dados ao ser humano e suas potencialidades, destaca que

A criança que nasce na Floresta Amazônica, numa maternidade de Estrasburgo ou de Tóquio dispõe das mesmas potencialidades, das mesmas capacidades para aprender. Sua inserção em um grupo social desenvolve, sozinha, suas disposições num sentido ou outro de acordo com a educação que recebe. A única universalidade consiste na faculdade de mergulhar na ordem simbólica da sociedade, ela é esse privilégio de manifestar-se como um ator num mundo de significações e de valores que nenhuma cultura

esgota. A condição do homem (e também a extensão física de sua relação com o mundo) está sob a égide do universo de sentidos que adere a ele e mantém o vínculo social.

Assim, as barreiras no desenvolvimento e nas habilidades, por vezes, estão relacionadas a sociedade e os costumes que nela são defendidos. Sendo assim, as experiências vividas na infância, por vezes limitadas, chegando à pré-adolescência, essas experiências se tornam ainda mais dificultadas, pois a sexualidade é um parâmetro muito presente, a heterossexualidade, no caso, sendo os comportamentos limitados e os corpos educados.

Todos que se distanciam do centro e caminham pelas arestas da visibilidade se tornam alvos do sistema (LOURO, 2018), como fui e sou. Ao longo de todo o ensino fundamental, o qual finalizei no ano de 2010, as práticas foram abrindo espaços para novas modalidades, os meninos permaneciam no futebol, afinal, seria o futebol aliado a outras modalidades um reforço de suas masculinidades (ALTMANN, 1998), além de ser a modalidade com maior investimento e visibilidade, mas agora as meninas tinham além da baleada a possibilidade de jogarem handebol, esporte reconhecido e com campeonatos, diferente do que estávamos acostumados.

Lembro-me de conversar com os colegas, nesse caso, garotos que não participavam do futebol e questionar se a nós seria dada a oportunidade de, pelo menos, vivenciar as práticas, mesmo que não tivéssemos a oportunidade de participar dos jogos efetivamente. Toda vida, logo, tivemos de lidar com mais uma frustração, só as meninas poderiam participar dos treinos, pois naquele momento, os responsáveis pela instituição junto as professoras, decidiram que a prática seria voltada ao público feminino com o intuito de participar de competições presentes no contexto escolar, ou seja, mais uma barreira imposta pelo sistema sem que a gente entendesse os motivos reais, afinal, quando na baleada jogamos juntos, por que não poderíamos participar do handebol? A nós era negada a possibilidade vivenciar o esporte, assim como a prática esportiva e atividade física reconhecidas como essenciais. Santana (2017, p. 35) ao falar sobre a Educação Física Escolar, coloca em evidência que a disciplina

Dentro dessa perspectiva excludente que ela continua produzindo essas desigualdades ao passo em que os professores ainda continuam reproduzindo discursos hegemônicos (machistas, misóginos, racistas, Lgbtfóbicos) em suas aulas, o que mostra o despreparo desses docentes para lidar com as diversidades corporais e identidades de gênero dentro das

aulas, produzindo exclusões, silenciamentos e violências na vida e na formação humana desses estudantes.

Desse modo, as minhas aulas de Educação Física seguiam sempre a mesma sequência pedagógica, um alongamento em grupo, seguido de atividades recreativas. Por vezes, quando vinham professores estagiários, alunos da graduação em Educação Física, nos era proporcionado experiências diferentes, normalmente, as atividades eram desenvolvidas em grupos separados de meninos e meninas, como os meninos que praticavam futebol tinham mais intimidade entre si, formavam-se dois grupos, um composto por eles e outro menor com os que não se encaixavam na modalidade.

Assim, quando eram propostas atividades competitivas, existia neles a necessidade de se sobressair em relação a nós, com o intuito de mostrar que eram melhores por meio do seu desempenho, mesmo quando nessas práticas a rivalidade entre os grupos eram irrelevantes. Diferente do que percebeu Altmann (1998), no contexto em que eu estava inserido, as formas de masculinidades eram unânimes, quem não estava no esporte era questionado e diminuído, muitos se obrigavam a fazer parte mesmo que sequer fossem jogar efetivamente, apenas para ali estarem inseridos.

No ensino médio, as experiências escolares presentes na Educação Física são ainda mais problemáticas. Aqui, nossos corpos já sexualizados são utilizados como parâmetros biologizantes de comparação com os opostos. Comparações essas presentes em tudo, principalmente, nas práticas corporais e na falta das práticas. Le Breton (1953, p. 78) evidencia em suas palavras ao falar sobre a construção desses papéis e discursos projetados sobre os corpos que:

A apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral. Um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência. Imediatamente faz de qualquer um que possua hábito, monge incontestável. A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça.

Nessa perspectiva, lembro-me que a escolha de cores, o cuidado com as vestimentas e qualquer que fosse a característica tida como “feminina”, que muitos

meninos até as vivenciavam com tranquilidade, pois esses tinham os fortalecedores de masculinidade ao seu favor, eu não as vivenciava, pois existiam barreiras culturais presentes no discurso que faziam com que eu me envergonhasse de querer participar, pois quando você está na posição em que eu estive, tudo é motivo para questionamentos que se assemelham a um interrogatório policial e nos fazem ter vergonha, sentimos que fizemos algo muito grave contra todos os que estão ao nosso redor, quando estamos apenas querendo vivenciar uma realidade que nos deveriam ser dada a oportunidade, mas que culturalmente nos é negada, por uma sociedade que reforça e reafirma padrões de masculinidades e feminilidades (LOURO, 2017).

Em dias de chuva, as aulas teóricas eram a única opção, tínhamos que ouvir lamentações dos jogadores de futebol que esperavam a semana inteira por esse momento que era tão deles e víamos o professor se desdobrar para aquela hora de aula a qual ele não sabia o que fazer. Logo ele vinha com os estudos sobre a Educação Física, estudos sobre as práticas, como se a Educação Física fosse um resumo de práticas corporais e esportivas, sem história, sem questionamentos e transformações, embora saibamos que a realidade é diferente disso. Poucas foram as aulas teóricas que recebi e claramente me lembro do professor nos perguntar: “Qual a diferença entre atividade física e exercício físico?” ou “Qual a importância do exercício físico?”.

Estudar a prática é uma parte importante, mas quando podemos ver além das práticas, muitas são as problemáticas que podem ser pautadas, as discussões de gênero, as relações das práticas corporais e o corpo, a sexualização das danças ou a falta de visibilidade. Todas essas questões deveriam ser tratadas no contexto da EFE, uma vez que a ausência dessas discussões faz com que haja a manutenção das violências e preconceitos nesse contexto.

A falta de preparo dos professores responsáveis por nos ensinar sobre o corpo e sobre a pluralidade das existências, o bloqueio existente nas bases do ensino quanto aos estudos de corpo, gênero e a sexualidade aliado a invisibilidade evidente quanto as nossas existências são alguns dos agravantes que fazem com que muitos não se sintam confortáveis para ir adiante (LOURO, 2018) e a esses eu desejo que indo adiante eu possa lhes dar oportunidades de serem vistos, pois nós existimos.

Ainda assim minha trajetória nessa área não se encerra ao final da minha vida escolar, no tópico seguinte apresento as minha escrituras dentro do

contexto da graduação no curso de EF refletindo sobre os reforços e centralização das masculinidades normativas dentro desse contexto.

5.3 Graduação e a centralização das masculinidades heteronormativas

Após a saída do ensino médio começo a me posicionar efetivamente enquanto um homem gay que se orgulha de ser quem é, independente do ambiente em que eu esteja, mesmo que ainda exista muita estigmatização sobre minha existência, sobre o ato de assumir (LOURO, 2018) e me reconhecer.

Em 2015, quando estava no cursinho pré-vestibular, aconteceu dos episódios mais marcantes da minha vida, um professor que sempre fazia comentários LGBTQIAP+fóbicos direcionados a outro garoto gay, em tom de piada, na ocasião, decidi me posicionar, pedi a voz e expliquei que aquilo que ele estava fazendo era inadequado para um professor que nos preparava para buscar a vida acadêmica, mesmo que não me fossem direcionadas as frases ditas por ele ressoavam em mim, afinal, ele não perdia uma oportunidade de tornar meus trejeitos parte de suas piadas ruins e preconceituosas,

Ao discutir sobre a reprodução e perpetuação das opressões de grupos sociais historicamente subalternizado pelo humor, Ribeiro (2018, p. 22) reforça que: “Não há nada de neutro — ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões”, é preciso entender que sendo a sociedade preconceituosa, todas as minorias podem estar sujeitas a serem vítimas desse humor que oprime (RIBEIRO, 2018), como fui, enquanto LGBTQIA+. Surpreso, o professor não soube o que responder no momento, afinal, as normas esperam que mantenhamos a nossa sexualidade de forma privada, sendo vividas apenas na intimidade (LOURO, 2018).

Quando o fato chegou ao conhecimento dos outros alunos que ali não estavam presentes, por serem de outra turma, tive acolhimento e receptividade, pois mesmo que constrangidos, não tinham coragem de fazer por ele ser um professor, além disso, éramos alunos de um projeto social de uma grande universidade e achavam que não tínhamos direito de questionar o posicionamento dos que estavam acima de nós, já que éramos apenas beneficiados. O abandono a instituições de ensino por preconceitos vividos ou falta de segurança nesses ambientes são um

parâmetro da negação a possibilidades e direitos de existências (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

A minha vida acadêmica não começa no curso de Educação Física, antes de ingressar no curso de EF, passei por outra graduação, visto que culturalmente, os meninos são ensinados que a ascensão social é a única direção possível, sobre a nossa construção há uma ênfase na competitividade, a necessidade de ser vitorioso, independente da área de atuação, principalmente quando somos garotos (LOURO, 2018). Sobre os nossos desejos de intenção de curso são projetadas as possibilidades que podem fazer com que tenhamos os maiores salários, sejamos bem sucedidos, muito bons em algo (LOURO, 2018), nossos corpos são entendidos como verdadeiras ferramentas do capitalismo, inclusive, no esporte.

Por ser bom com os números e não ter habilidades esportivas, as opções possíveis estavam nas engenharias, vale salientar que, segundo Saraiva (2008), na engenharia existe um padrão único desejável, não sendo apenas um comportamento masculino, é necessário que seja o comportamento masculino hegemônico heteronormativo, mesmo que seus desejos estejam em outras direções. Quando o sujeito em questão é um homem gay, as projeções de sucesso e ascensão social são extremamente mais evidentes, pois esperam que tenhamos o respeito da sociedade por meio de nossas conquistas, como se nelas estivessem presentes o nosso certificado de masculinidades.

Sigo na direção que me fizeram acreditar ser a melhor, aprovado no vestibular para Engenharia, iniciei o curso em junho de 2016 em uma universidade federal e nos primeiros meses já reconheço que não é ali o meu lugar, permaneci por três períodos e desisti.

Após a minha desistência, março de 2018, a aprovação no vestibular em Educação Física se torna a realidade, mas de onde vem o meu desejo, tendo em vista as frustrações e marcas deixadas pela Educação Física Escolar? Em 2015 eu iniciei a prática de exercícios em casa, buscando mudanças sem ajuda especializada por vergonha, não me sentia confortável para ir a uma academia, o receio de estar num ambiente o qual eu estaria muito vulnerável, no entanto, com o tempo me senti desestimulado, faltava algo, eu queria ir adiante.

Em 2016, eu comecei a frequentar uma academia de musculação junto ao meu irmão, um apoio. Contra tudo o que eu esperava, no horário que eu ia, a profissional e o público majoritariamente feminino faziam com que me visse num

ambiente confortável para as práticas, me senti acolhido e me beneficieei das mudanças que estavam para além do corpo, me beneficieei de todos os bons aspectos da prática de exercícios físicos regular e com instrução especializada (MACEDO et al, 2015) penso que poucas são as pessoas que se dão a oportunidade ou se sentem confortáveis para buscarem essas mudanças, poucos são os ambientes que proporcionam uma boa experiência como a que eu tive naquele horário específico, porém, quando desisti de cursar engenharia, a minha rotina mudou, precisei ir em busca de um trabalho e mudar de horário, contudo, a experiência até então muito positiva, começa a ser um reforço dos pesadelos que eu tinha com a prática.

Os olhares, os apontamentos e a forma que os alunos e os professores agiam, às vezes, reproduzindo trejeitos e falas quando eu estava presente me fizeram pensar em desistir momentaneamente de algo que estava me fazendo bem, fizeram com que eu não me sentisse no direito ou não tivesse o direito à prática, sendo a vulnerabilidade e a desvantagem uma violência de gênero (LINS, MACHADO; ESCOURA, 2016).

Diante disso, mudo o ambiente e compartilho da mesma sensação, poucos são os profissionais presentes na academia, mais precisamente, no espaço destinado à prática de musculação que estão preparados para me acolher, fazer com que tivesse segurança e com que os que fogem à norma sentissem o conforto, então, as adaptações estavam na escolha do horário com menos gente ou buscar sempre o horário de um profissional específico que não te olhava diferente, te orientava e não julgava.

A musculação enquanto prática corporal tem muito a oferecer, muitos são os benefícios, mas os profissionais e os alunos com quem compartilhei os ambientes, não estão preparados para lidar com existências que não adequa, nem buscam se adequar aos padrões heteronormativos ali fortalecidos. Os profissionais parecem buscar sempre atender um público específico e os outros acabam sendo negligenciados. Le Breton (1953, p. 78) aponta que:

Lugar privilegiado do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude (frequência nas academias, ginástica, body building, cosméticos, dietética, etc.), o corpo é objeto de constante preocupação. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros.

De modo que, a busca por melhorias e bem-estar, aliado ao sentimento da falta de profissionais que visualizassem uma masculinidade fora da norma, uma existência que se distancia da norma (LOURO, 2018) sem julgamentos e tendo vivenciado muitas experiências em diferentes locais, me fiz entender que se eu não tivesse de lidar com as inseguranças e os profissionais fossem acolhedores, as minhas vivências seriam muito mais fáceis e confortáveis.

Deste modo, decidi que o profissional que eu buscava na prática que tanto gosto poderia ser eu, alguém que busca fazer com que as pessoas tenham experiências diferentes, se sintam acolhidas enquanto seres em busca de mudanças positivas com as práticas de exercícios.

Iniciei o curso de Educação Física na UEPB com atraso, pois fui aprovado na última lista de espera. No meu primeiro contato com a turma, são projetados olhares diversos sobre o meu corpo, minhas roupas e meus comportamentos, há estranheza afinal, para muitos, é uma existência que não se encaixava dentro daquele sistema que é culturalmente reconhecido como masculino (MACHADO, LINS E ESCOURA, 2016). Nos discursos que tenho de ouvir, na maioria das vezes não diretamente ditos a mim, a Educação Física e as práticas esportivas eram tidas como reforços de masculinidades (Castellani Filho, 2010), pois, muitos professores se sentiam confortáveis para desrespeitar existências enquanto se divertiam com os que compartilham dos mesmos pensamentos. Conforme destaca Santana (2017, p. 23)

A falta de conhecimento sobre questões de diversidade de gênero por exemplo tem levado muitos professores a cometerem equívocos, violências e invisibilizações, dentro das aulas de Educação Física.

Desde o primeiro período, precisei lidar com comentários de professores, principalmente, piadas homofóbicas e machistas para entreter, como uma forma de demonstrar a dominância da masculinidade e o esporte sendo visto como um reforço, sendo “obrigatório” o interesse masculino (LOURO, 2018), além dos comportamentos direcionados às alunas mulheres que me fizeram ver a instituição, em algumas situações, seja consciente ou inconscientemente, como um ambiente LGBTQIA+fóbico, misógino e preconceituoso. Como fortalece as palavras de Ribeiro (2018, p. 23) ao falar sobre a reprodução de piadas com forma de entretenimento:

Continuar no achismo apesar da desigualdade latente sendo mostrada é concordar com essa desigualdade. Negar a existência de fatos sociais e ridicularizar lutas históricas por equidade não é dar opinião, é compactuar

com a violência. Fora isso, ainda há os que confundem liberdade de expressão com discurso de ódio. Um indivíduo dizer “Sou da opinião de que negros e gays são inferiores” não é ponto de vista diferente.

Em uma das minhas primeiras aulas, o professor responsável pela disciplina passou boa parte da aula narrando sobre suas experiências sexuais, mostrando como o esporte e os seus feitos influenciaram nessa dimensão da sua vida e fazendo com que boa parte da turma sentisse desconforto em estar ali. Ao longo da disciplina os comentários perduraram, inclusive, em outras disciplinas lecionadas pelo mesmo professor, fazendo com que tivéssemos consciência que a Educação Física nem sempre é utilizada como um recurso que busca melhorias nas condições existenciais (CASTELLANI FILHO, 1988), mas, sendo a Educação Física utilizada como uma estratégia para fortalecimento e a normalização de discursos preconceituosos. Afinal, a repetição contínua de comportamentos problemáticos e constrangedores trouxe a normalização desses discursos (LOURO, 2018). Ribeiro (2018, p. 22), ao falar sobre as piadas e as brincadeiras e as opiniões, diz que:

Querer se valer do discurso da liberdade de expressão para destilar racismo, machismo, transfobia ou se esconder por trás do argumento “É minha opinião” é criminoso. Racismo é racismo, machismo é machismo, mesmo que venha na forma de opinião. E devem ser combatidos.

Durante a pandemia, no ano de 2021, ao comentar sobre situações de abuso e assédio que tinham sido denunciadas e estavam sendo repreendidas e os seus autores punidos pela instituição, um professor minimizou comportamentos abusivos dizendo que muitas vezes as pessoas não entendem um elogio, uma piada ou uma brincadeira, mas que era aquela apenas sua opinião. Logo, me vi tendo que intervir, afinal, os elogios e as brincadeiras não são engraçados, principalmente, quando nos colocam em situações constrangedoras, nossos corpos sendo parâmetros para violências e abusos. Sendo o despreparo dos profissionais em combater essas violências e preconceitos presentes em seus discursos, um facilitador para a reprodução de desigualdades (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Em outra disciplina, lecionada por outro professor, também homem, em todas as aulas se faziam presentes as piadas homofóbicas direcionadas a outros alunos, como se a homofobia e as violências presentes em suas palavras quando não direcionadas a mim fossem apenas piadas, contudo, não era eu o único homem gay da turma. Nesse contexto, presenciei uma situação com outro estudante, que por não

ter em si os trejeitos, atendendo às características de padrão heteronormativo, o que faz com que muitas vezes sua sexualidade não seja questionada (LOURO, 2018) e anulada, foi necessário dizer que era gay, invadindo o seu espaço íntimo, para que as violências chegassem ao fim e não fosse a sua condição sexual parâmetro para o humor imerso em preconceitos.

Ao falar sobre o conceito de violência simbólica de Bourdieu (1998), Jubé, Cavalcante e Castro (2016) explicam que são violências que são a partir da criação contínua de crenças, levando os indivíduos a posicionar-se socialmente, seguindo padrões e costumes no discurso, sendo discursos, precursores de exclusões daqueles que não se enquadram nos padrões impostos nas instituições de ensino, de modo que, a ridicularização e o constrangimento seriam parte das violências simbólicas. A justificativa utilizada pelo professor foi que não sabia que ele era gay, ele não carregava em si características, como se ridicularizações de existências só fossem erradas quando direcionadas a indivíduos que apresentam características específicas.

No decorrer do curso, construí vínculos e amizades, assim compartilhava dessas interações também durante o desenvolvimento das atividades, lembro-me claramente de umas das poucas apresentações que tivemos para o público num festival de ginásticas, o meu grupo no qual eu estava alocado decidiu trabalhar exclusivamente com a ginástica rítmica, por identificação com as modalidade e o movimentos, é importante reforçar que tivemos contato com todas as ginásticas e a nós foi dado o direito de escolha, dentre as ginásticas, que queríamos desenvolver, optamos pela ginástica rítmica, sendo ela escolhida tendo em vista o uso dos aparelhos como fita e arco, além do mais, não tínhamos aptidão para os saltos que eram necessários em outras modalidades, por exemplo.

Após a escolha, muitas foram as vezes que eu ouvi que homem não participava da rítmica, segundo Gaio e Santos (2010), a ginástica rítmica é uma prática esportiva de caráter exclusivamente feminino, segundo as regras oficiais, dificultando a prática dessa modalidade para pessoas do sexo masculino, pois o preconceito limita a participação de meninas na modalidade, além disso, há necessidade de ressignificação dos movimentos e dessa premissa de que meninos jogam bola e meninas dançam e fazem ginástica, tornando esses ambientes mais plurais, principalmente, no processo de formação de bacharelado e licenciatura em Educação Física, afinal, desde 1987, no Brasil, o conteúdo “ginástica rítmica” começou a ser abordado a ambos os sexos.

Contudo, durante o processo de desenvolvimento da atividade, muitos colegas reforçaram a obrigatoriedade da adição de movimentos da acrobática e/ou artística para que a participação de um homem no grupo fosse justificada, detalhe, aqui falo de um ambiente acadêmico não competitivo onde todos nós tivemos de vivenciar todas as ginásticas nas aulas práticas, por exemplo, sendo a apresentação utilizada apenas como método de avaliação da disciplina.

Nas apresentações, muitos dos que se sentiram confortáveis para questionar minha participação na GR, se negaram a usar a roupa que era tida como adequada. Segundo as orientações do professor responsável pela disciplina, era obrigatório o uso de legging para todos que iriam participar, fazendo alusão à vestimenta utilizada pelos ginastas, mas, após o compartilhamento do descontentamento dos homens quanto ao uso da peça de roupa, foi dada a opção de usar um short por cima da legging ou apenas um short, de modo que para eles, havia a possibilidade de flexibilização.

Assim, as críticas quanto a minha participação tinham a intenção de fazer com que eu reconhecesse que ali não era o meu lugar, Louro (2018) reforça ao falar que o que incomoda é a manifestação comportamentos e existências não heterossexuais, sendo nesse caso, a prática de um ginástica tida como exclusivamente feminina, um desses comportamentos.

No decorrer do curso, me voluntariei em um programa de extensão para ser monitor na academia escola da universidade e fui muito bem recebido. Enquanto voluntário, pouco tempo depois de iniciar as atividades, uma das colegas, também monitora do programa, em determinado momento me disse que na academia nós tínhamos alunos homem e o meu short era curto demais, podendo alguns deles se sentirem desconfortáveis com a roupa que eu estava usando, seguido de opções ditas por ela como mais adequadas. Filho (2015) aponta que as maneiras de se vestir podem contribuir para a manutenção das convenções sociais ou a desestabilização, sendo elas relacionadas ao gênero e ao seu papel social.

Quando minha roupa é questionada, sobre elas são projetadas características tidas como heteronormativas, fazendo com que seja ela passível de julgamentos e questionamentos quando se distancia do que eles visualizam como sendo o normal para um homem (LOURO, 2018), é importante enfatizar que a roupa que estava usando era adequada e específica para a prática esportiva, mas, sendo a minha existência passível de questionamentos e constrangimentos, segundo Filho (2015) o

ato de vestir uma roupa é também um ato de identificação, uma estratégia de posicionamento individual e um recurso de identificação, quanto ao coletivo.

Visto isso, a falta de uma educação inclusiva faz com que muitas violências sejam recorrentes (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016) e sequer são reconhecidas como violências, ditas como algo para melhorar o convívio com aqueles que são vistos como “o normal” (LOURO, 2017).

Para muitos, os olhares estavam centralizados na minha roupa, nos meus comportamentos enquanto um homem gay afeminado, evidenciando que a negação das expressões ditas como desviantes, estrutura o modelo heteronormativo, que é tido como o único, correto e aceitável (SILVA, PEREIRA E PONTES, 2019), ignorando o trabalho que eu estava desempenhando enquanto voluntário de um projeto que busca proporcionar oportunidades às pessoas da comunidade, humanizar a prática de exercícios e fazer com que pessoas se sintam bem-vindas e acolhidas.

Não mudei minha roupa, muito menos deixei de desempenhar as atividades que me propus. Os paradigmas iniciais quanto a minha sexualidade logo deram espaço para o acolhimento, reconheço que houve a ressignificação da minha existência, as conversas que tínhamos durante o desenvolvimento das atividades, eram utilizadas para conscientizá-los, explicar que essas expressões e o próprio corpo são construções sociais e culturais (LE BRETON, 1953) e “o reconhecimento identitário resguarda direitos e assegura que as pessoas possam existir enquanto sujeitos de direitos e obrigações inseridos no meio social” (SILVA, PEREIRA E PONTES, 2019, p. 3). Assim, muitos entenderam que a expressão da minha existência deve ser entendida e respeitada, fazendo com que dentro desse espaço todas as existências possam ser plurais.

Muitas vezes ouvi que eu lhes proporcionei conforto, seja durante as práticas, seja durante as conversas paralelas que tínhamos, que eles se sentiam vistos e respeitados, sobre seus corpos eu não projetava padrões, eu defendia suas permanências no ambiente, defendi a prática para o bem-estar. Tendo, inclusive, uma das alunas relatado quanto ao acolhimento de seu neto que tinha se assumido gay para a família, sendo eu, inclusive, um comparativo naquele momento.

Permaneci no programa enquanto monitor até um mês antes de finalizar o curso, quando pedi desligamento para afastar-me do trabalho que desempenhei, muito fui elogiado por aqueles que ali foram beneficiados, sendo eu tido como uma

inspiração para os próximos monitores, pelo trabalho desempenhado, pela humanização daqueles com quem compartilhei o ambiente e pela afetividade que construímos juntos, fazendo com que além da prática de exercícios, muitos tivessem o conhecimento de novas existências e expressões e identidades de gênero, além do conforto de compartilhar seus sentimentos com o grupo.

Enquanto monitor no projeto de extensão e tendo disciplinas práticas, muitas vezes eu tinha de ficar período integral na universidade e a nós alunos eram disponibilizados banheiros com chuveiros, contudo, o banheiro de fácil acesso aos alunos de toda a universidade não tinha porta no chuveiro, diferente do banheiro das meninas. Várias vezes questionei a falta da porta nos chuveiros do banheiro e disseram que “os homens estavam acostumados a tomar banho tranquilos sem porta no futebol e nos vestiários” e outra vez disseram que “os meninos eram muito danados, por isso não tinha porta”, decidi não seguir adiante com os questionamentos, mesmo que a privacidade na hora do banho a mim fosse negado, afinal, seria só mais um desconforto vivido por mim.

Quando decidi estudar Educação Física, mesmo que a culturalmente fosse uma área reconhecida como masculina (CASTELLANI FILHO, 2010), eu esperava que dentro das instituições de ensino pudesse ser ressignificado, tendo em vista que a sociedade passou por mudanças e espera-se que dentro das instituições tenhamos acesso a novas possibilidades, sendo o público o qual iremos trabalhar, até então, uma incógnita.

E, realmente, dentre as experiências que tive, houveram momentos de acolhimento e ressignificações, no primeiro semestre eu já comecei a direcionar meus estudos para a temática LGBTQIA+, o professor responsável pela disciplina me disse que era sensacional o que eu estava me propondo a fazer, mesmo que ele não tivesse muita segurança quanto a temática direcionada a Educação Física.

No segundo semestre, a professora, inclusive, sendo ela uma das professoras que mais me passaram segurança dentro da instituição me orientou com mais domínio da temática LGBTQIA+, me induzindo a pesquisar de forma mais específica e fazendo com que entendesse que a visibilidade que eu estava proporcionando ao trazer a temática era necessária, como sendo aquela uma possível proposta para o meu trabalho de conclusão e me vi tentado a ir adiante.

Essas pesquisas me fizeram entender muito sobre as presenças LGBTQIA+ dentro dos esportes, podendo inclusive acrescentar e fortalecer as ideias

apresentadas em seminários de colegas que traziam a temática em seus discursos. Nos semestres finais, outra professora introduziu temáticas sociais como parte dos estudos, nos dando espaço para falar e discutir sobre as problemáticas dentro da Educação Física, a segurança e o acolhimento que recebi me fizeram entender que as ressignificações que buscava, naquele momento, se fizeram muitos presentes.

Ao iniciar a movimentação para a construção do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), me vi na busca por uma orientação que me fizesse entender mais sobre a minha escrita, sobre as propostas, além disso, alguém com que eu me sentisse confortável e seguro. Logo busquei a professora que mais me apresentou em seus discursos ressignificações, com quem me identifiquei e, em poucos minutos, ela me respondeu com muita felicidade, sendo esse um dos momentos mais importantes da minha graduação, se sentir visto e acolhido é essencial. A construção de um trabalho como o que me propus, não é fácil, quando se tem acolhimento e orientação isso se torna um desafio, faz com que tenhamos consciência da força presente em nossas palavras, discursos e a relevância que isso pode proporcionar aos que aqui estão, aos que estiveram e aos que ainda virão. Entendo que, para muitos, o que escrevi pode ser considerado irrelevante, para esses, faço das palavras de Ribeiro (2018, p. 23), as minhas:

Pessoas que lutam contra as desigualdades não se fazem de vítimas: são vítimas de um sistema perverso e, ao mesmo tempo, sujeitos de ação, porque o denunciam e lutam para mudá-lo.

A Educação Física meu deixou marcas, mas me trouxe muitas oportunidades, oportunidades de aprender o que pretendo repassar enquanto profissional, oportunidades de estudar corpos e existências, oportunidades de enquanto profissional fazer com que muitas pessoas tenham experiências acolhedoras, se sintam no direito e representados nos espaços que com a Educação Física buscarei intervir.

5.4 A Introdução no mercado profissional

A necessidade de ser reconhecido profissionalmente faz com que a busca por estágios na graduação em Educação Física seja inquestionável, comigo não foi diferente. A procura por cursos para melhorar o currículo, as práticas corporais e esportivas cada vez mais assíduas como se o corpo e a rotina, obrigatoriamente,

tivessem de ser um reflexo do profissional que busco ser, são parâmetros muito presentes nos alunos de graduação e nos profissionais.

Como já relatado, a Educação Física volta a fazer parte da minha vida quando a prática de musculação se torna uma rotina e a prática de exercícios, o meu estilo de vida, sendo a busca por representatividade nesses ambientes o parâmetro de escolha da Educação Física enquanto o meu campo de atuação e intervenção. Eu já havia entendido que não seria fácil para um sujeito LGBTQIA+ atuar na musculação, pois os padrões de masculinidades são reproduzidos e se mantêm muito presentes, segundo Rego (2014), desde a Grécia Antiga, a tonificação muscular e a construção da imagem de uma homem forte, se distanciando do que culturalmente era visto como feminino e sendo o homem, o sujeito da prática e representação da força, fez com que a prática de musculação, por muitos, seja tida como um reforço de masculinidades, podendo ser utilizada como uma estratégia para os homens trans que ao criar essa imagem de corpo masculino, sentem-se mais aceitos.

Essa construção de um padrão cultural projetado na modalidade, está presente em muitas academias, principalmente nas áreas destinadas a musculação, não havendo espaço para a diversidade, em apenas umas das academias em que estive inserido tinha profissionais que se reconhecessem gays, contudo, em nenhuma das academias em que já estive inserido tinha professores que se reconhecem gays e não respondessem ao padrão comportamental heteronormativo. Podendo ser a manutenção do padrão uma estratégia para sua não exclusão, como Menezes et al (2018, pg. 3), aponta ao falar sobre a diversidade sexual e a aceitabilidade que

É importante sinalizarmos que a forma como se vê e como se reconhece a diversidade sexual e de gênero vai diretamente implicar nos modos e maneiras de respeitá-la ou discriminá-la. Isso é bastante relevante para tentarmos compreender o porquê o sistema capitalista se apropria de padrões e normas pré-estabelecidas socialmente para “selecionar”, “excluir” e/ou “desrespeitar” o que se apresenta como “diferentes” e “fora das normas”.

Comecei a fazer cursos em busca de melhorias no meu currículo pouco depois de entrar na graduação, afinal, na própria instituição somos ensinados que quanto melhor ele for, mais oportunidades nós teremos. Participei de várias seletivas de estágio, sendo o meu currículo sempre elogiado, mas isso não era o suficiente. Eu não era o perfil da empresa, não era o perfil que eles buscavam para o horário que tinha muitos homens, “o currículo era muito bom, MAS...”, a minha postura, enquanto

homem gay, é destoante ao modelo heteronormativo reconhecido como o normal (MENEZES et al, 2018), sempre tem algo a ser melhorado. É importante reforçar que, quando características pessoais são utilizadas como justificativas, muitas vezes, implícitas, a elas são dados os significados para esse processo de exclusão (MENEZES et al, 2018 apud MEDEIROS, 2007).

Vi muitos tendo a oportunidade de desenvolver suas habilidades dentro desses espaços, mas no meu caso, para eu ser uma opção viável, eu tinha que estar pronto, sem deslizes, um currículo impecável, ser mais profissional, me portar mais profissional e aqui uso as palavras de Menezes et al (2018), que pontua o anonimato da homossexualidade sendo utilizado como um mecanismo de defesa e a favor do acesso e permanência ao mercado de trabalho utilizado por muitos, mas sendo, eu um homem gay que luta por mais espaços e visibilidade, essa é uma opção inviável.

Em muitas das vagas que me candidatei, durante entrevistas ou conversas informais, me perguntavam se eu era dançarino, bailarino ou “por que a Educação Física?”, reforçando esse discurso culturalmente construído de que às presenças femininas sempre são dadas as opções de serem bailarinas e dançarinas (MACHADO, LINS E ESCOURA, 2016), quando eu, um homem que carrego em características tidas como femininas, meu corpo se torna passível das mesmas projeções. Diziam que o meu corpo não tinha muito a ver com a musculação, minha personalidade, até o jeito que eu me vestia era passível de questionamentos. Menezes et al (2018) ao citar Brito (2014), justifica que a manutenção das relações de discriminação possuem funcionalidade para a sociabilidade hegemônica, sendo as relações hierárquicas essenciais para ordem e reprodução do capital.

Silva e Ferreira (2019), ao estudarem o culto à dor nas academias de musculação, demonstra o preconceito e necessidade de reprodução de discursos que defendem a masculinidade hegemônica. Sendo as danças, o balé, as ginásticas coletivas, principalmente, as ritmadas, os reconhecidos espaços onde homens gays não heteronormativos podem se sentir melhor e mais aceitos, curioso pensar que segregar é tão normal que para muitos é visto como algo natural.

Nesse sentido, Almeida (2019, pág. 52) afirma que "A subversão a uma norma tem um custo àquele/a que subverte", assim, me vejo mais uma vez tendo de lidar com os padrões impostos culturalmente sobre a minha existência e a modalidade que me fez desenvolver. Me dou conta de que a adesão de homens gays nas academias de musculação, enquanto profissionais, estavam sempre imersas em

questionamentos nos limitam na escola, nos âmbitos profissionais, em espaços que são tidos como masculinos, nas instituições de ensino superior, sendo subjugados ao ponto de se sentirem, muitas vezes, confortáveis a limitar os nossos espaços.

Meu primeiro contato com o mercado de trabalho, em janeiro de 2020, trouxe consigo muitos sentimentos, finalmente eu consegui atuar efetivamente na área de musculação que tanto desejava, o público da academia majoritariamente feminino com que eu me sinta acolhido, as alunas que ali estavam sendo assistidas, buscavam melhorias e profissionais que as vissem e estivessem dispostos a auxiliar efetivamente na prática de musculação. Entretanto, a problemática nesse espaço estava em quem o administrava, a necessidade de seguir o famoso padrão profissional, sendo esse padrão fundamentado no modelo heteronormativo, faz com que a minha presença seja questionada.

Sendo o capitalismo reconhecido enquanto um sistema de produção preconceituoso (MENEZES et al, 2018), a meritocracia tem os seus escolhidos. Aqueles que o mercado de trabalho os tem como sendo um reflexo, uma inspiração, muitas vezes essa inspiração precisa ser literal, um verdadeiro espelho. Não existia por parte deles o reconhecimento de quem eu era enquanto estudante, as documentações de estágio sequer foram assinadas, mesmo com as cobranças. Os outros profissionais com quem compartilhei o ambiente e ali estavam há anos, permaneciam sem seus contratos de estágio, no espaço não tinha um profissional da Educação Física, apenas estagiários.

Reconheço que os questionamentos e as cobranças que parte do que me foi garantido em acordo quando fui iniciar o trabalho, a documentação, por exemplo, era uma segurança, uma obrigatoriedade que estava sendo negada, não somente isso, a falta de profissionais responsáveis no espaço faz com que tenhamos consciência de que a Educação Física não era a prioridade. Penso e repenso nas oportunidades que apareceram, a busca por segurança é uma necessidade, a única possibilidade.

Durante toda a minha trajetória na Educação Física, utilizei as minhas redes sociais para compartilhar as experiências, a rotina e, principalmente, para demonstrar o profissional que eu buscava ser. Em muitos dos relatos que compartilhava, explícito estava o meu desejo em fazer com que os espaços se tornassem mais plurais, que as pessoas se sentissem seguras e acolhidas, conseqüentemente, as práticas exercícios fossem a realidade de mais pessoas.

Após um desses posts, em outubro de 2021, fui convidado para conhecer um espaço destinado à prática de ginásticas coletivas de uma professora com quem compartilho muitos dos meus ideais, sendo esse convite uma oportunidade para que ali eu desempenhasse muito do que defendo enquanto estudante e futuro profissional, mesmo que eu já tivesse sido aluno em algumas das modalidades, agora, a posição que eu teria de desempenhar seria outra. A busca por novos espaços que tem a me oferecer experiências, segurança e principalmente, me reconhecem enquanto um futuro profissional, aliado a angústia de estar próximo ao fim do curso sem estar inserido no mercado de trabalho que tanto me preocupou, foram determinantes para que reconhecesse que poderia ser essa a oportunidade de desenvolver, um desafio.

Quando me foi dada a oportunidade de atuar efetivamente nas ginásticas, não hesitei, o espaço e o público me acolheram. A estrutura me fez acreditar que é o momento de fazer o que muito quis, que é atuar em um lugar que me traz segurança, mesmo que a minha afinidade fosse maior com a prática da musculação. Logo que começo a desempenhar o papel de professor, as respostas são positivas, eu estava ali para auxiliar e também para desenvolver habilidades nas modalidades que tive pouco contato, mas que tinham em si muito da teoria que tanto estudei.

Segundo Costa et Al (2003), nas práticas de atividades físicas de lazer, a prática das ginásticas é a segunda mais praticada entre as mulheres, ficando atrás apenas da caminhada. Visto isso, público majoritariamente feminino me têm como uma inspiração, relatam que as roupas, o corpo, a forma com que me reconheço e me comporto, é visto como um modelo do que buscavam quando saíram das academias convencionais e buscaram novos espaços, como os espaços direcionados a prática das ginásticas. Pires (2015) ao falar sobre a motivação nas práticas de ginásticas coletivas, reforça que o professor é um fator determinante para que o ambiente seja considerado favorável para a prática de exercícios, podendo a abordagem utilizada pelo professor aumentar ou diminuir a motivação.

Dentre as minhas propostas de aulas, a musculação está presente, mas não é ela o único método de intervenção. Tendo vivido tantas experiências em minha trajetória na Educação Física, entendi a falta de professores gays em academias de musculação, a nós é dado o questionamento, as outras opções. Desejo que, como eu, muitos outros LGBTQIA+ estejam buscando assumir espaços que já nos foram negados, derrubar essas barreiras. Reconheço que as oportunidades podem ser

limitadas e a segregação faz com que ainda sejamos invisibilizados, poucos entre tantos. Deste modo, é imprescindível que todos os sujeitos estejam atuando efetivamente na luta contra os preconceitos e segregações existentes no mercado de trabalho (MENEZES et al, 2018) e na social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos nossos corpos são dados significados biológicos, devido aos estudos quanto às estruturas e as suas funções se fazerem presentes desde o início da vida escolar. Contudo, os significados dados aos nossos corpos também estão relacionados a cultura, o tempo e a sociedade na qual ele se insere, assim, fazendo com que tenhamos consciência de que essas estruturas biológicas são culturalmente influenciadas, podendo ser ressignificadas.

Devido às projeções biológicas culturalmente fortalecidas sobre os significados do corpo, parâmetros como a sexualidade e o gênero são passíveis de influências do binarismo, conseqüentemente, sobre eles, podem ser projetados os padrões heteronormativos, sendo esses corpos educados para se enquadrarem e serem fortalecedores do modelo tido como o normal. Entretanto, desde as primeiras sociedades, as existências que se distanciam desse modelo se fazem presentes, não somente isso, as expressões de gênero e sexualidade não heterossexuais, eram realidades em muitas sociedades, muitas vezes reconhecidas como reforços de masculinidade.

Contudo, as sociedades mudaram e as expressões que se distanciam de um modelo que é visto como seguro e inquestionável foram marginalizadas, sendo utilizadas para comparações negativas e sendo as violências por elas sofridas, normalizadas. No entanto, na sociedade atual, as expressões de gênero e sexualidade não heteronormativas, os LGBTQIA+, estão ocupando espaços, buscando mais visibilidade e direitos.

Na história da Educação Física, os padrões comportamentais e o gênero se fizeram determinantes. Desde a Grécia antiga, as práticas corporais eram exclusivamente desempenhadas pelos homens, o culto ao corpo, aliado aos estudos teóricos eram destinados àqueles que estavam destinados a defenderem o seu povo, serem um reflexo de sua sociedade, sendo a imagem do homem forte e musculoso uma necessidade. Com o decorrer do tempo, as práticas corporais passaram pela sistematização, aos exercícios físicos foram dados novos significados, sendo eles aliados às práticas pedagógicas, contudo, as influências militares se faziam muito presente, fazendo que os exercícios fossem reconhecidos como reforços de masculinidades.

No Brasil, as influências militares se fizeram muito presentes na introdução das práticas corporais nas instituições, sendo fortalecido o viés higienista dos modelos europeus. Todos esses fatores fizeram com que às práticas fossem dados os significados de reforço de masculinidades hegemônicas. As existências que se distanciam desses modelos comportamentais têm suas participações questionadas, fortalecendo o viés higienista e sendo a Educação Física e as práticas corporais culturalmente tidas como masculinas.

Atualmente, as presenças femininas e os LGBTQIA+ se fazem atuantes na Educação Física e no Esportes, contudo, as projeções culturais feitas sobre os corpos e as existências, principalmente, sobre os LGBTQIA+ limitam os espaços e invisibilizam suas existências. Desde a vida escolar, as presenças são questionadas, fazendo com que o desenvolvimento de habilidades seja dificultado. Os discursos que evidenciam comportamentos e características sendo utilizados para o humor, fazem com que haja o questionamento sobre o pertencimento a determinados espaços, sendo essencial o acolhimento e a segurança para que as oportunidades sejam igualitárias a todos que desejam as ocupar.

Por meio de minhas escrituras, busco apresentar e fazer com que os papéis que são subalternizados e excluídos ocupem seus lugares de fala, ocupem espaços e sejam reconhecidos. Se faz necessário que a sociedade tenha consciência do impacto que os discursos que por elas são defendidos e, por vezes, normalizados, podem ter na vida das pessoas, é necessário a conscientização. A sociedade progride e as existências estão cada vez mais plurais, seria a hora da Educação Física começar a reescrever a sua história e ser vista como recurso de educação e desenvolvimento.

É importante ressaltar que há necessidade de mais estudos quanto a outras realidades, a sociedade é inconstante e existem muitas possibilidades na Educação Física. Aqui, utilizei de memórias e vivências que me deixaram marcas, sejam elas positivas ou negativas, podendo existir outras realidades, não sendo eu uma regra ou exceção, mas utilizei do espaço, para buscar oportunizar visibilidade e documentar realidades. Compartilho as experiências que vivi na busca incessante para que eu me tornasse um Profissional da Educação Física que busca viabilizar, acolher e diversificar os espaços no qual pretendo atuar.

Com esse trabalho, chega ao fim a longa jornada da graduação, mas é aqui que começo as pesquisas específicas para que as excentricidades se façam presentes e atuantes, os questionamentos sejam direcionados aos discursos que

limitam e excluem, não às existências que são excluídas. Desejo que as vozes LGBTQIA+ sejam ouvidas, clamamos por respeito, não queremos assumir espaços que não são nossos, queremos assumir espaços que são para todos e, muitas vezes, no todo não estamos incluídos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B.; **MEMÓRIA, NARRATIVA E PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA**, História da Educação, Pelotas, n. 14, p. 79 a 95, 2003.
- ALMEIDA, K. S; **“Você está na fila errada”**: corpos possíveis em um currículo escolar do Município de Porto Seguro (BA), Revista Espaço Acadêmico, n, 212, 2019
- ALTMANN, H; **ROMPENDO AS FRONTEIRAS DO GÊNERO: Marias (e) Homens na Educação Física**, Minas Gerais, 1998.
- AUAD, D; **EDUCAR MENINOS E MENINAS: Relações de Gênero na Escola**, São Paulo, ed. 2, 2019.
- BEAUVOIR, S; **O SEGUNDO SEXO: A Experiência Vivida**, Paris, 1967, Difusão Europeia do Livro, São Paulo.
- BORTOLETTO, G, E; **LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade; São Paulo, 2019.
- COSTA, M. G; PERELLI, J. M; MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J; **História da ginástica no Brasil: da concepção e influência militar aos nossos dias**· subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 12, n. 23, p. 63-75 – 2016.
- CAPINUSSÚ, J. M; **ATIVIDADE FÍSICA NA DADE MÉDIA: BRAVURA E LEALDADE ACIMA DE TUDO**, REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.13, 2005 - pg. 53-56.
- CASTELLANI FILHO, L; **A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: A história que não se conta**, Campina, SP. 1988.
- CHAVES, J. C. O; **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM ESCOLA CONTEMPORÂNEA**; Salvador – BA, 2010.
- CONFED, <https://www.confef.org.br/confef/comunicacao/noticias/1632>, 2022;
- EVARISTO, C; **Seminário A Escrivência de Conceição Evaristo: primeiro dia**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEKEf4>
- FILHO, A. M; **A moda fazendo gênero: representações sociais sobre “modos de vestir gay”**, Brasília – DF, 2015.
- FRAGA, A. B.; **A BOA FORMA DE JOÃO E O ESTILO DE VIDA DE FERNANDA**; Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação, pg. 96-105 Org. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V, 2003.

GAIO, R. C; SANTOS, A. P; **GINÁSTICA E DISCUSSÕES DE GÊNERO: A GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**, São Paulo, 2010.

JUBÉ, M. O. M. R; CAVALCANTE. C. V; CASTRO, C. M. J; **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM ESCOLA CONTEMPORÂNEA**; Mineiros – GO, 2016.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R; *Introduccion. Teoria General de la Gimnasia*. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970. p. 17-31. Tradução de Alexandre Henrique Silva Bezerra e modificações de Jeimison Macieira. Salvador, 2008.

LE BRETON, D; **A Sociologia do Corpo**, 1953; A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LINS, B. A., MACHADO, B. F., ESCOURA, M. **DIFERENTES, NÃO DESIGUAIS: A questão de gênero na escola**, ed, 1, Ed. Reviravolta, 2016.

LOURO, G. L; **CURRÍCULO, GÊNERO E SEXUALIDADE: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**; pg. 43-53; Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação, pg. 96-105 Org. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V, 2013.

LOURO, G. L; **PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE**; pg. 07-42; O CORPO EDUCADO: Pedagogias da Sexualidade. Org. LOURO, G. L., Ed. Autêntica, 2018.

MALDONADO, D. T; LIMONGELLI, A. M. A; **Educação física escolar no ensino fundamental: prática pedagógica e formação acadêmica**. Educação Física em Revista – EFR, 2014.

MENEZES, M, S; OLIVEIRA, A, C; NASCIMENTO, A. P. L; **LGBT E MERCADO DE TRABALHO: UMA TRAJETÓRIA DE PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES**; ConQueer; 2018.

MEYER. D; **GÊNERO E EDUCAÇÃO: Teoria Política**, pg. 11-29; Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação, Org. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V, 2003.

PEREIRA, C. S; **ESCREVIVÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE NEGRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**; Porto Alegre – RS, 2021.

PIRES, F. C; **GINÁSTICA E DISCUSSÕES DE GÊNERO: A GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**; PORTO ALEGRE, 2015.

RÊGO, F. C. V. S; **HIPERTROFIA MUSCULAR COMO EXPRESSÃO DA MASCULINIDADE ENTRE HOMENS TRANSEXUAIS: MASCULINIDADES E ÉTICA ANTROPOLÓGICA**; Natal – RN, 2014.

SANTANA, B. S; **TRAJETÓRIA DE UM HOMEM TRANS NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA NARRATIVA SUBVERSIVA**; Feira de Santana – BA, 2017.

SARAIVA, K; **PRODUZINDO ENGENHEIRAS**; RS, 2008.

SCOTT, J; **GÊNERO: Uma Categoria útil de Análise Histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre – RS, 1995.

SILVA, A. C. FERREIRA, J. **Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica**; Rio de Janeiro – RJ, 2019.

SILVA, C. J; PEREIRA, J. D. S; PONTES, N. L. M. T; **“SER UM HOMEM FEMININO...”:** IDENTIDADE E AFEMINOFOBIA NA PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES DE HOMENS GAYS; 4 Seminário Desfazendo o Gênero; Recife – PE, 2019.

SILVA, I. O. I; **Introdução à Educação Física**; UNIASSELVI, 2015

RIBEIRO, D; **“QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?”**; Companhia das Letras, 2018.

TORTORA, G. J; DERRICKSON, B; **Corpo Humano - 10ed: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**; Artmed Editora, 2016.

WEEKS, J; **O Corpo e a Sexualidade**; pg. 43-104; O CORPO EDUCADO: Pedagogias da Sexualidade. Org. LOURO, G. L., Ed, Autêntica, 2018.